



O ESPINHO

espinho

DIRECTOR (INTERINO): ANTÓNIO F. GAIO

SUBDIRECTOR (INTERINO): ANTÓNIO A. SANTOS

ANO 45 / N.º 2244 / 5 DE ABRIL DE 1975 / PREÇO 3500



MUNICÍPIO DE ESPINHO
BIBLIOTECA MUNICIPAL

Palavras, Palavrinhas, Palavrões

Gostaria de ter tempo, possibilidades, disposição e vontade para deitar mãos a um trabalho que se me afigura de interesse. Era ele o determinar as palavras — chavões de diversas épocas, as palavras com que o bicho-careta português (o trabalho podia visar apenas a língua portuguesa) tem sido bombardeado.

A percentagem mais ou menos estúpida, mais ou menos exagerada da utilização de certas expressões, de certas palavrinhas, palavrões ou palavrões, poderia ser significativa, reveladora de... de tanta coisa.

Aqui há uns anos, raro era o dia em que não se falava de «lavrar o seu veemente repúdio», de «manifestação espontânea de repúdio e protesto», o que, se a memória não me falha, vinha a propósito das pretensões da União Indiana aos territórios do falecido Estado Português da Índia.

Depois vieram os «pátria pluricontinental e plurirracial» e lembro-me perfeitamente de, durante os primeiros dias do conflito angolano, nos ensulfiataram a paciência com «os fiéis bailundos».

Fora do contexto político há também certos automatismos ou bordões de estilo que caracterizam épocas.

Recordo o «encantado da vida» (ou só «encantado»), e, dentro do cómico (que deixa de ser pela estupidez da repetição despropositada) os solnadianos «malandrice»... ou «podió-chamálo».

Actualmente chego a ficar incomodado com a alarmante e imbecil abundância de «pois», que já começa a ser acompanhado de «portanto». Isto para não falar no rei dos automatismos, já muito antigo mas que continua — infelizmente — vivinho da costa e desgraçadamente saído do âmbito etário e social onde dantes se acantonava. Como talvez imaginem, refiro-me ao velho «pá», que, em entrevistas na televisão ou na rádio esmalta — desfeial — a conversação de muita gente, desde o troia ao bancário, desde o soldado raso ao coronel ou brigadeiro.

Desde há anos, também, que se assiste a um exagero, a uma inflação de palavrado tecnocrata, que inclui a «conjuntura», as «infra-estruturas», a «situação sócio-económica», a «eficiência» (já não há eficácia nem gente eficaz!).

E entre muitas outras, como é evidente... — a «opção».

Qual «escolha» nem qual canivete! «Opção» apenas, «opção» só, «opção» e mais nada se não «opção».

E muitos dos que empregam essas palavras não se preocupam com que os seus ouvintes ou leitores, as pessoas a quem eles se dirigem e de quem deveriam querer ser entendidos, os percebam, acompanhem os seus raciocínios. Calquê! Vomitam os seus palavrões tecnocratas, embrulhadas em muitos «pois», em bastantes «na medida em que» e não se ralam nada com que os outros os entendam ou não.

Mas... o contágio é garantido e por muito que nos vacinemos, é difícil evitá-lo. E assim, eu, a quem tais bordões de estilo metem nojo, eu que me arrepio todo ao ouvir tais palavras empregadas a despropósito... não é que de vez em quando dou por mim a empregá-las sem justeza?! Quando tal acontece (me acontece) fico furibundino da costa — comigo!

O grande mal dessas palavras-chavões é que enjoam de tal modo quando empregadas sem razão, que nos chocam mesmo quando justamente aplicadas.

Por isso é que eu corro o risco de «ver» franzir o nariz aos meus leitores ao

(Continua na pág. 2)

Greves em Espinho
Pág. 4

Carta aberta a Espinho

Caros senhores:

Venho por intermédio desta carta agradecer a magnífica hospitalidade dada por Espinho a mim, à minha família e a todos os meus amigos.

Desde pequeno que me deslocava a Espinho com os meus pais todas as segundas-feiras para vir à feira. E a gente sente-se aqui mesmo porreiro: podemos dizer palavrões que ninguém nos chateia; quando queremos fazer as nossas, com Vossa licença, necessidades, se são os miúdos, é mesmo à porta do carro no cimento do passeio; se somos nós, como já não fica muito bem, aproveitamo-nos duns postes ou mesmo duns jardins particulares (ex: o da Academia, que bem estrumado está...), conforme a gravidade (os senhores percebem, não é?). Bem sei que os senhores tiveram a preocupação de fazerem quartos de banho mesmo no centro da feira. Mas nós, como amantes da Natureza, preferimos fazê-lo ao ar livre. E aliás, nunca nos puseram obstáculos. São mesmo porreiros vocês...

Mas vocês não ficam por aqui, na vossa hospitalidade. O meu pai, que tem um carro que é uma categoria diz que adora guiar em Espinho: quando precisa de estacionar, fá-lo em cima do passeio, a impedir garagens particulares, ou mesmo em segunda fila. Se precisa de cortar caminho, vai por uma rua de sentido proibido e pronto. E os polícias são simpatiquíssimos e não nos chateiam. O mais chato (e vocês precisam rever esse ponto) são os dois polícias que estão nos cruzamentos da 24-23 e da 24-19. Mas isso nem tem muita importância. Eles até são uns tipos porreiros que às vezes até fazem que não vêem a gente a fazer qualquer coisa assim mais à vontade...

E os engarrafamentos que a gente provoca... Ena pá, aquilo é que é cada barrigada de riso que a gente dá!

E nas ruas a gente pode meter-se com as gajas e tudo, e atirar papéis e cascas para o chão, empurrar as pessoas e fanar coisas aos feirantes, e ninguém nos chateia. É um sítio porreiro...

E quando eu venho com o Chico e com o Jaquim nas motorizadas? Fazemos corridas nas ruas, andamos em sentido proibido, é uma alegria... E quando acelaramos os motores até rebentar os ouvidos das pessoas? Aquilo é que a gente ri... E os srs. polícias sempre porreiros com a gente.

Mas eu agora já gosto tanto de Espinho que não posso esperar pela segunda-feira para cá vir. Sempre que posso, cá estou. Até costume ir ao cinema e tudo. No cinema é que é: têm posto uns filmes mesmo bestiais para a malta aprender cunquefu ou caraté, ou lá o que é, e para a malta começar a interessar-se pela, com Vossa licença, Coisa. E a gente lá dentro está mesmo porreiro: até podemos avisar o artista quando o vão atacar pelas costas, ou dizer umas piadas fora-de-série nas cenas mais lixadas. E nos documentários, aquilo é que é gozar...

Ainda tinha muitas mais coisas a agradecer, mas não lhes quero ocupar mais espaço, por muito simpáticos que sejam. Assim quero-lhes dar o meu muito obrigado em meu nome e dos meus conterrâneos pela maneira simpatiquíssima como nos têm recebido. Continuem sempre assim, que nós saberemos sempre corresponder aos vossos esforços para que a gente se divirta em Espinho.

Um grande abraço reconhecido do

NECA DA TINA

P.S. — «TINA» é o nome da minha gaja que eu conheci em Espinho e que espero estar a ler esta carta.

SOLVERDE PRESTA CONTAS

A SOLVERDE, concessionária da Zona de Jogo de Espinho, reuniu no passado dia 28 de Março para, em Assembleia Geral, apreciar e deliberar sobre o Relatório, Balanço e Contas respeitante a 1974.

De quanto ocorreu nessa Assembleia, achamos importante dar a conhecer aos leitores alguns passos que consideramos deverem ser salientados para um melhor conhecimento da importância que a Solverde hoje tem em Espinho.

Logo após o 25 de Abril a SOLVERDE pôs ao competente órgão do Governo o problema de proceder-se a uma alteração das condições da Concessão do Jogo no sentido de elas se encaminharem num sentido mais afecto ao domínio social. Sabe-se que está prevista para data ainda não fixada uma vinda do Secretário de Estado competente a Espinho para estudar no local tal revisão adaptada ao momento que o País atravessa no sentido da socialização.

Uma proposta para futuras distribuições de dividendos aos accionistas para além dos 10 % previstos nos Estatutos, não foi bem acolhida quer porque os re-

sultados de 1974 não podem ser tomados como base concreta para o futuro quer porque desde os primeiros movimentos para criação da Sociedade ficou fortemente definido que os seus objectivos não eram o lucro para os accionistas.

A Assembleia votou a recondução dos órgãos sociais, em que se verificou apenas a entrada de um novo elemento, Manuel Alves Salgueiro, para ocupar o lugar de segundo secretário da mesa da Assembleia Geral, vago pelo falecimento de João Lopes da Fonseca.

No final da Assembleia, o seu Presidente salientou os magníficos resultados do exercício, chamando a atenção para o facto de ser a SOLVERDE a primeira sociedade concessionária de uma zona de jogo portuguesa a apresentar lucros desta ordem ao Estado. Estes lucros ultrapassaram os cinquenta mil contos, distribuídos por 691 contos para reintegrações, 21 187 contos para provisões e 28 019 contos de resultados do exercício.

Ao abrigo do artigo 33.º dos Estatutos, que prevê a distribuição pelas associações não lucrativas do Concelho de

Espinho duma percentagem entre 5 % e 10 % sobre os lucros obtidos, foi decidida a atribuição de 1 401 contos (5 %) do modo seguinte:

Hospital de Espinho — 350 contos (para ampliação e apetrechamento de sectores votados às classes menos favorecidas);

Centro de Assistência Social — 150 contos;

Patronato — 50 contos;

Bombeiros Voluntários de Espinho e Bombeiros Voluntários Espinhenses — 150 contos para cada, para obras nos seus quartéis;

Associação Académica de Espinho e Sporting Clube de Espinho — 120 contos a cada para que ambos apliquem estas importâncias num programa conjunto de ginástica e iniciação desportiva para as crianças das escolas primárias e restantes estabelecimentos de ensino médio;

Aero Clube da Costa Verde — 50 contos para cursos de pilotagem;

Bandas Musicais de Espinho, Paramos e Silvalde — 50 contos a cada, com

a obrigação de uma exibição pública mensal de cada;

Academia de Música — 20 contos com a obrigação de organizar um sarau anual;

Tuna de Anta — 26 contos com a obrigatoriedade de fazer quatro exposições públicas por ano;

Grupos Columbófilos de Anta, Espinho e Paramos — 10 contos a cada um com a obrigação de realizarem, em conjunto, um concurso anual;

Clube Recreativo e Cultural de Paramos — 25 contos a serem aplicados em iniciativas destinadas à assistência a crianças;

Grupo Tauromáquico de Espinho e Liga dos Combatentes — 5 contos a cada.

Se nos lembrarmos que a nossa terra, no passado, recebia apenas uns autênticos prémios de consolação, teremos que salientar com elogios os escrúpulos e rectidão da Administração da SOLVERDE. E os números são tão expressivos e as atitudes tão diversas que até será injusto fazer-se uma comparação entre a SOLVERDE e as anteriores concessionárias.

Palavras, Palavrinhas... ELEIÇÕES PARA A CONSTITUINTE

(Conclusão da 1.ª pág.)

dizer que hoje, na situação que se vive em Portugal, se põem diversas opções ao povo deste país: cada um de nós ou é actor da peça, ou se limita passivamente a presenciá-la ou procura sabotá-la, paté-la, minar a confiança dos que no palco procuram fazer o melhor possível.

Cada um de nós ou é pioneiro do nosso país, que, para ser construído, espera os nossos braços, os nossos cérebros, a nossa capacidade, o nosso amor; ou é um peso morto que é preciso arrastar; um peso-morto que origina dispêndios de energias tão necessárias à construção do edifício em que, como as folhas da hera, todos recebamos igual porção de sol (o tal que, quando nasce é para todos); um peso-morto que retarda a caminhada triunfal; ou faz contra-vapor, procura travar a marcha da caravana, tenta fazê-la retroceder, nega que seja realizável o sonho esplendoroso, recusa a caminhada em busca da luz, da justiça, sabota a obra magnífica que os obreiros sonhadores querem pôr de pé, quer destruir o que os pioneiros vão erguendo sacrificadamente mas

com paixão, quer recuar a paragens onde só alguns vivem bem, à custa do mau viver — ou do lento morrer — da triste e esmagada maioria.

Leitor, para que te «puxa» mais?

Para destruir, desfazer, sabotar, travar, negar, matar?

Para ver passar os comboios, para assistir passivamente à edificação da casa que se quer de todos, para ser um verbo-de-encher?

Ou para construir, agir, colaborar, progredir, libertar o caminho dos obstáculos que o atravancam, afirmar, dar vida, viver? Anda, leitor, com o teu cérebro, com os teus músculos, mas também, mas principalmente com o teu coração, vem!

Como Rómulo, como Afonso Henriques, como os exilados do May Flower, como os bandeirantes, como Simão Bolívar, vamos fundar uma nação, vamos construir — com amor — um país.

Queres?

Eu quero.

26-Março-1975

M. dos Santos

Banda de Música de Espinho

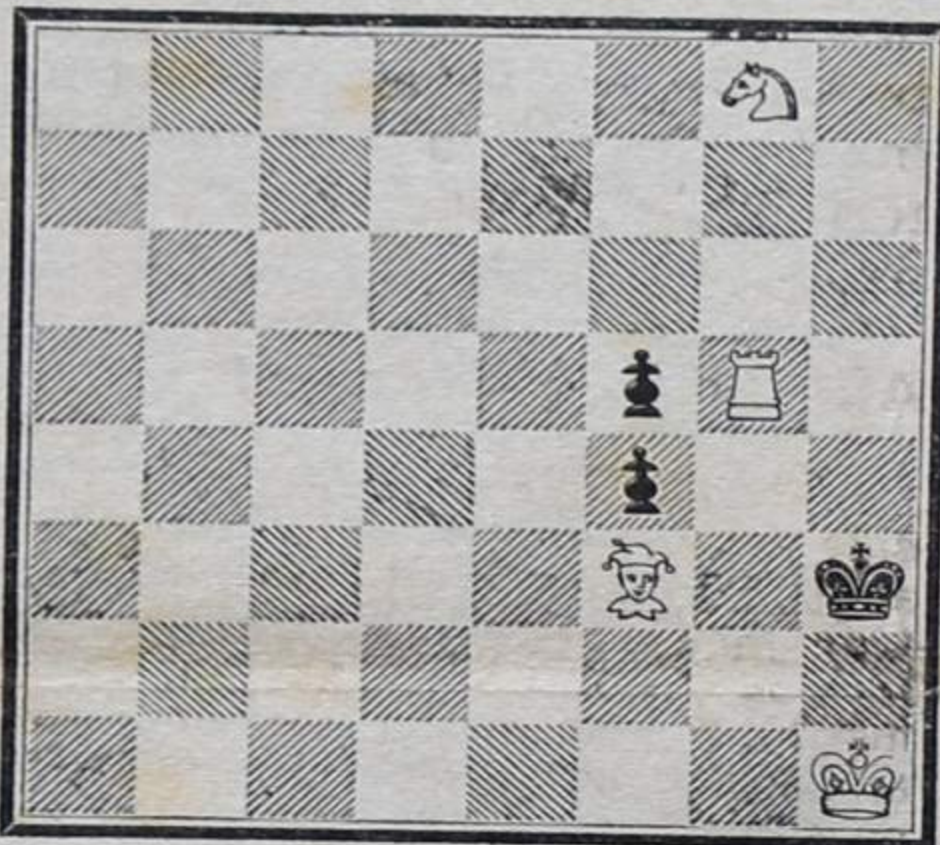
CONVITE

Convidam-se todos os associados, amigos e simpatizantes desta secular instituição para uma Reunião Magna no dia 8 do corrente pelas 21.30 horas no Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários de Espinho, a fim de serem tratados diversos assuntos referentes a esta colectividade.

A Direcção agradece.

XADREZ

PROBLEMA N.º 4



A solução vale 5 pontos. As brancas jogam e dão mate em 3 lances.

Solução do problema N.º 3:

1 — Th3; Pb3; 2 Th1, PxT=D+; 3 DxD++.

DEFESA DE ESPINHO

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

REDACÇÃO

ALEXANDRE FALCAO
FAUSTO NEVES
JOSE JOÃO MAIA
JOSE PINTO
MORAIS GAIO
NUNO BARBOSA
VITOR SOUSA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA DE
PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

Redacção e Administração

RUA 19 — N.º 62

TELEFONE, 921525

AVENÇADO

Composição e Impressão

OFICINAS GRÁFICAS DA
CASA NUN'ALVARES

Rua de Santa Catarina, 630
PORTO

Centro Fotográfico

Alvaro Nunes de Pinho

Tudo para Fotografia e Cinema

RETRATOS
RELOJOARIA

Rua 8 N.º 645

ESPINHO

Dr. Aucíndio Valente

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças Nervosas e Mentais

RUA 20 N.º 500-1.º-TEL. 921014

Dias: 3.as e 6.as feiras com hora marcada

Missa de 2.º Aniversário

MANUEL ANTÓNIO
SANTOS OLIVEIRA

Passa no próximo dia 9 de Abril o 2.º Aniversário da morte do inditoso Manuel António Santos Oliveira, pelo que a assinalar esta, será celebrada Missa na Igreja Paroquial de Silvalde, pelas 20 horas.

« PÁSCOA FELIZ! »

Há dias, melhor situando, na antevéspera da Páscoa, quando me despedia de um amigo que casualmente encontrei nas ruas do Porto, disse-lhe: «Páscoa Feliz!».

Só depois, e bem instalado em casa, recordei a «Páscoa» que esse amigo tivera, há uns anos atrás. É essa triste e violada Páscoa que eu vou contar.

Meses antes, o meu amigo era perseguido ferozmente pela PIDE-DGS. A casa dele era constantemente vigiada. A correspondência era diariamente aberta, lida, relida e colocada na caixa do correio com dias de atraso. O telefone não tinha melhor sorte, aliado a interrogatórios disfarçados que a Pide fazia a vizinhos, os quais se apressaram a informar o meu amigo que, pressentindo toda a chantagem pidesca, começou a tomar cuidado e a conhecer rostos fraudulentos de pides. Desde que saía de casa até que regressava, tinha sempre um «cão» a farejar-lhe os passos. Por vezes metia-se num cinema, mas reconheceu que a atitude desgostava o animal e deixou de o fazer, pois cão raivoso, morde. Como a matilha era enorme, os focinhos diferiam de dia para dia. Principiaram então as buscas à casa, mas sem efeito, porque já eram esperadas. Como a

PIDE desejava qualquer encontro entre o meu amigo e outros colegas, e tal desejo não era satisfeito (até porque não existia) resolveu prendê-lo. O crime nunca disseram, mas nós sabemos: o do pensamento.

Encerrado numa cela fria que mais se assemelhava a uma cavaleriça, o meu amigo aí passou a sua (atraçoada) Páscoa. Neste mesmo dia, e é isto que quero frisar, chegada a hora do almoço, um pide dirigiu-se à cela do meu amigo, lançou-lhe meia dúzia de amêndoas e segredou-lhe, caninamente: «Está a ver como somos bons camaradas? Até lhe damos amêndoas no dia de Páscoa!» E desatou numa gargalhada carniceira. Não vou descrever a reacção do meu colega. Suponho que todos a imaginem. Ficou apenas este relato para exemplo.

NOTA BREVE — Caso curioso: mais tarde, o meu amigo viu que no seu processo figuravam encontros havidos entre ele e «elementos (ditos) subversivos», (...) «atentatórios contra a segurança do Estado».

Francamente, não me admiro! Admirar-me-ia se dissessem: contra a segurança da Nação. É mais um exemplo, leitor!

Manuel Lopes

Agradecimento



JÚLIO VANDER
DA SILVA PARDILHÓ

Sua esposa e restante Família vêm por este único meio agradecer a todas as pessoas que assistiram ao seu funeral e informam que a Missa do Mês se realiza no dia 7 de Abril do corrente ano, pelas 19 horas na Igreja de Espinho.

Sec. N.º 9 (Liceu Nacional de Espinho)

José Mário da Fonseca Maia até Luz Ferreira Gaio Neves;

Sec. N.º 10 (Liceu Nacional de Espinho)

Luzania de Oliveira Dias até Maria Albertina Cardoso Ramos Ribeiro;

Sec. N.º 11 (Esc. Primária da Rua 22)

Maria Albertina Conceição Pereira Pinto até Maria Clara Antunes Vicente de Sá Couto;

Sec. N.º 12 (Escola Primária da Rua 22)

Maria Clara Ferreira de Oliveira S. Azevedo até Maria Ferreira Martins Tavares Brandão.

Sec. N.º 13 (Escola Primária da Rua 23)

Maria Ferreira Mendes até Maria Lucinda de Jesus;

Sec. N.º 14 (Escola Primária da Rua 23)

Maria Lucinda Pais de Oliveira até Maria Tavares dos Santos Cruz;

Sec. N.º 15 (Esc. Industrial e Comercial)

Maria Teixeira Alves até Rita de Oliveira Rocha;

Sec. N.º 16 (Esc. Industrial e Comercial)

Rita de Oliveira Santos até Zuraída Maria de Almeida Soares.

No dia das Eleições (25 de Abril de 1975) estas Secções de Voto funcionam das 8 às 19 horas.

NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda

ESQUECEMO-NOS DO NOSSO ANIVERSÁRIO

Na semana passada, entre vária correspondência, chegou-nos um envelope da Prevenção Rodoviária Portuguesa. Mais conselhos — e bons — esperavamos. Mas surgiu-nos uma surpresa. A comprovar que a P.R.P. é um organismo atento, o que dá mais vigor aos seus ensinamentos. A P.R.P. enviava-nos um cartão de felicitações pela passagem de mais um aniversário da «D.E.». Aniversário que nós próprios tínhamos esquecido. Obrigados, P.R.P.

3.º CONCURSO DE PIANO DA COVILHÃ

Realizou-se durante os dias 24, 25, 26 e 27 o 3.º Concurso de Piano «Cidade da Covilhã» que reuniu nesta cidade vários concorrentes nacionais e estrangeiros, distribuídos pelas seguintes classes: a A (pianistas diplomados) e a B (jovens pianistas).

A classe B de que fazia parte o espinhense Fausto Manuel Neves, foi disputada em duas partes: uma Prova de Selecção e a Prova Final. Depois de se apurar para a Prova Final com certas dificuldades, no que foi acompanhado por apenas mais três concorrentes, o jovem espinhense alcançou um 3.º lugar bastante satisfatório. Os outros 3 concorrentes foram galardoados respectivamente com o 1.º lugar, Menção Honrosa, e Prémio Especial «Estímulo». O 2.º lugar não foi atribuído.

A classe A, serviu para mostrar vários valores da música nacional que, não sendo muito conhecidos, são já superiores em valor a vários dos nomes sonantes do campo musical da actualidade.

Um desses referidos casos é Armando Mota que actuou ontem na Sala Auditorio da Academia de Música.

Outros nomes que se distinguiram neste «Covilhã-75» deverão actuar na nossa cidade durante o Festival de Verão.

O júri do Concurso foi constituído por Fernando Lopes Graça, João Freitas Branco (ausente por motivo imperioso), Helena Matos, Angeles Presutto da Gama, Caio Pagano, Helena Costa e Maria Vitória Pires.

Agora, até 1977, quando se realizará o 4.º Concurso de Piano «Cidade da Covilhã». Até lá, oxalá que apareçam novos valores para enriquecimento do panorama musical nacional.

DO HOSPITAL

Movimento de 25-3-75 a 1-4-75

Internamentos Gerais	53
Exames Radiográficos	110
Crianças Nascidas	25

Intervenções Cirúrgicas

Urologia	5
Obstetrícia	1
Cirurgia Geral	11
Otorrino	9

Serviço de Urgência

Homens	216
Mulheres	291

Internamentos

Ana Maria de Pinho Rodrigues Barges Costa, de Espinho, para Obstetrícia; Amélia Maria Salvador Almeida Cid de Espinho, para Obstetrícia; Conceição de Lurdes Alves de Sá Pereira de Castro, de Espinho, para Obstetrícia.

ECOS DUMA LOCAL

Exmo. Senhor

*DIRECTOR DO JORNAL
«DEFESA DE ESPINHO»*

FALTA DE POLICIAMENTO

Chegou-me às mãos um artigo publicado no jornal «DEFESA DE ESPINHO», de que V. Exa. é Director e que mereceu a minha melhor atenção.

Concordo inteiramente com o teor do artigo, pois efectivamente e embora há poucos dias neste Comando, logo verifiquei a falta de policiamento eficaz, não só nessa cidade, mas também nas restantes vilas deste Distrito, onde o problema é igualmente delicado.

No entanto o assunto não me parece ser um problema de escalas, visto que sem pessoal não se podem fazer escalas.

Logo nos primeiros dias de Comando, solicitei mais efectivos para este Comando.

Basta dizer que para Espinho, que tem os mesmos quadros quando a sua superfície era 1/4 da actual, foram solicitados mais 33 guardas.

Mas também eu fui ultrapassado, quando fui informado que há uma saída de 2 homens/dia, que não é compensada por novos alistamentos.

O problema terá pois de ser visto em ordem a uma melhor política, tal como é referido no artigo, de aproveitamento de outros elementos de organizações semelhantes. Parece-me ser a única hipótese, para já, de colmatar esta brecha.

É isso que se está a fazer nos estudos da fusão PSP/GNR.

É evidente que o cidadão paga e não se compadece com estudos e reuniões. Mas há situações que nos ultrapassam, embora nos estejamos batendo diariamente por elas.

Agradeço pois ao articulista, visto que todas as críticas são bem recebidas, mas entendi ser necessário este esclarecimento.

Apresento a V. Exa. as minhas desculpas pelo tempo que lhe roubei e renovo os meus agradecimentos, podendo ficar V. Exa. ciente que este Comando tudo procurará fazer para satisfazer os anseios da cidade de Espinho.

26-3-75

O COMANDANTE DISTRITAL

Humberto Teixeira Branco
Major

ESPECTÁCULO DE MÚSICA VOCAL

No passado domingo, realizou-se no Teatro S. Pedro, de manhã, um espectáculo de música vocal cuja receita era destinada às duas corporações de bombeiros locais. Era especial atractivo deste espectáculo a exibição do Grupo Vocal Maranata, que teve a seu cargo a 2.ª parte. Na primeira esteve em palco o Grupo Vocal Ebenezer, de Espinho, ambos os conjuntos tendo merecido os aplausos do público presente.

OBRIGAÇÕES FISCAIS

Durante todo o corrente mês encontra-se em pagamento, sem juros de mora, a contribuição industrial — grupo C, bem como o Imposto de Capitais — Secção A, com referência ao passado ano de 1974. Todos aqueles que estão colectados nestas taxas do Estado deverão obter esclarecimentos nas repartições competentes ou, muito simplesmente, consultar os editais que se encontram afixados nos locais do costume.

TRANSPORTES URBANOS

A Câmara de Espinho remeteu, há dias, para a entidade competente, o programa de concurso e respectivo caderno de encargos para a concessão do serviço público de transportes colectivos na área da nossa cidade. Ficaremos agora a aguardar a necessária autorização para que se dê um passo em frente neste importante sector da vida local, esperando que mereça também aprovação o plano de horários e itinerários proposto pelos serviços camarários que acompanhou as restantes condições do concurso.

ESCOLA DA FEIRA

Recente entrevista com a Associação de Pais da Escola Primária da Feira deu aos nossos leitores uma ideia do precário estado das instalações daquele estabelecimento de ensino. A Comissão Administrativa da Câmara de Espinho, numa atitude que nos apraz registar, decidiu mandar proceder imediatamente às obras de maior importância, aproveitando o interregno das férias da Páscoa para a execução de tais trabalhos.

ACIDENTE DE VIAÇÃO

Virgílio Loureiro Amorim Gomes, residente em Serzedelo, Argoncilhe, tem 20 anos, é casado e presentemente presta serviço militar no Porto. Conduzia o seu velocípede a motor ESP-67-55 e, no cruzamento das ruas 12 e 23, embateu, ou foi embatido, com um automóvel ligeiro de passageiros, SN-88-47, que era conduzido por António da Rocha Soares, casado, de 41 anos, industrial, residente em Estrada, Anta. Os veículos sofreram danos materiais e o ciclista sofreu ferimentos graves, pelo que foi conduzido ao Hospital Militar do Porto.

Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações.

Rua 19 n.º 364-1.º-Tel. 921218

ESPINHO



JOSÉ FERNANDO PINTO DE MACEDO

Furriel Miliciano

Passando no dia 9 de Abril o 10.º aniversário da sua morte em combate em Moçambique, seus pais mandam rezar uma missa em sufrágio, pelas 19 horas na Igreja de Espinho.
Reconhecidos agradecem a com-párência.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

1.º TURNO

Hoje, sábado — FARMÁCIA HIGIENE, rua 19, n.º 393 — Telefone 920320.
Amanhã, domingo — GRANDE FARMÁCIA, rua 62, n.º 457 — Telefone 920092.
Segunda-feira — FARMÁCIA TEIXEIRA, rua 19, n.º 46 — Telefone 920352.
Terça-feira — FARMÁCIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Telefone 920331.
Quarta-feira — FARMÁCIA PAIVA, rua 19, n.º 319 — Telefone 920250.
Quinta-feira — FARMÁCIA HIGIENE, rua 19, n.º 393 — Telefone 920320.
Sexta-feira — GRANDE FARMÁCIA, rua 62 n.º 457 — Telefone 920082.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, sábado, 5 — EU NÃO VEJO, TU NÃO FALAS, ELE NÃO OUVE, com Alighiero Noschese e Isabella Biagini — 14 anos.

Amanhã, domingo, 6 — A MULHER DO PADRE, com Sophia Loren e Marcello Mastroianni — 13 anos.

Terça-feira, 8 — COMO CHEGAR A RICO SEM ESFORÇO, com Robert Morse e Michele Lee — 14 anos.

Quinta-feira, 10 — 40, IDADE PERIGOSA, com Liv Ullmann e Binnie Barnes — 18 anos.

Sexta-feira, 11 — VENCEDORES E VENCIDOS — 10 anos.

CASINO

Hoje, sábado, 5, amanhã, domingo, 6 segunda-feira, 7, terça-feira, 8 e quarta-feira, 9 — A GRANDE FARRA, com Marcello Mastroianni e Michel Piccoli — 18 anos.

Sexta-feira, 11 — SEXO LOUCO, com Laura Antonelli e Giancarlo Giannini — 18 anos.

NASCIMENTOS

EM ESPINHO

José Paulo, filho de António Ferreira Vaz e de Maria Helena Rodrigues Rocha Vaz;

Carla Luzia, filha de António Marques Fernandes e de Luzia Ferreira Gomes;

José Augusto, filho de José Bernardo e de Arminda da Silva Oliveira;

Carla Augusta, filha de João Carlos Moreira e de Isaura Rocha Azevedo;

Nuno Manuel, filho de Henrique da Silva Ferreira e de Joana de Jesus Peixoto Araújo;

Isabel Celeste, filha de Joaquim Ferreira Loureiro e de Carmen Margarida Silva Carvalho Peixoto Loureiro;

Paulo Jorge, filho de Manuel de Sousa Lameiras e de Ermelinda da Rocha Teixeira Sousa;

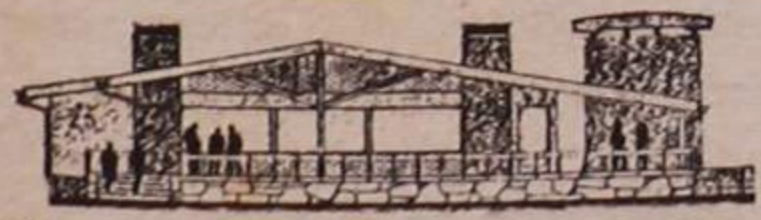
Maria do Céu, filha de Magno Correia de Castro e de Maria dos Anjos Rodrigues Cação Castro.

FALECIMENTOS

NA FREGUESIA DE ANTA:

Francelina Pereira da Silva, de 70 anos, casada com António Domingues Alves.

A «Defesa» precisa de mais assinantes



**Restaurante
Snack — Discoteca
CABANA**

TEL.

9	9
2	2
1	1
3	9
2	6
2	6

SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO especial para Baptizados, Casamentos e Confraternizações.

Na Discoteca

Aos domingos — Matinée

Encerrado à terça-feira para descanso do pessoal

Precisa-se Casa

Em Espinho. Aluguer até 3000\$00.

Resposta a esta Redacção

GREVES EM ESPINHO

NA FÁBRICA SÁ ALVES • NO HOTEL PRAIAGOLFE

Sá Alves e Filhos é uma pequena fábrica de produtos plásticos de utilidade doméstica, situada em Anta. Os seus 35 operários estão em greve desde 26 de Fevereiro. Em causa está um caderno reivindicativo, além de possíveis ilegalidades em pagamentos já atrasados. Tanto quanto apurámos, não são animadoras as perspectivas tendentes à resolução do conflito. De qualquer modo lá fomos e ouvimos.

OS TRABALHADORES...

Porquê a greve?

— Os patrões deixaram esgotar o prazo sem nos dizerem uma só palavra a propósito do nosso caderno reivindicativo. E fomos para a greve, que é apoiada pelo nosso Sindicato dos Químicos. O problema maior é o dos salários. Está a ver, nos homens o salário mais alto anda à volta de 145\$00 por dia. Nas mulheres é pior: há rapariguitas com 15 anos a ganhar 40\$00 por dia e outras já quase com 20 anos a ganhar 60\$00. Não se pode admitir que num tempo destes se ganhe uma miséria assim.

Então o patrão não quis dialogar?

— Não, não disse nada. Infelizmente sempre foi desleal, como ainda está a ser agora. Em 1971 saiu um decreto dando um subsídio de 25 por cento sobre o ordenado aos trabalhadores nocturnos. Pois ele não o estava a pagar e agora alega que pagava. Depois de uma reunião em Aveiro lá concordou em pagar essas indemnizações. Começou a pagar àqueles que tinham a receber pouco. Quando chegou aos que tinham direito a uns 12 ou 14 contos negou-se a pagar antes de falar com um advogado.

Ele diz que pagava esses subsídios, mas não consta nos recibos. Só consta nos dois últimos...

Se ele vier a pagar, recomeçam o trabalho?

— Não, não! Temos o nosso caderno que pede readmissão de um operário que veio da tropa, 6 000\$00 mensais para operários especializados maiores de 20 anos, homens ou mulheres, 4 500\$00 para menores de 20 anos, não despedimentos sem justa causa, refeitório arejado com mesas e cadeiras, 13.º mês, 1 mês de férias com subsídio e 40 horas semanais de trabalho. Estes últimos pontos já estão acordados. O problema maior é o dos salários e da readmissão do nosso camarada.

A proposta dos patrões difere muito da vossa?

— Segundo a proposta deles, ainda ficavam raparigas a ganhar 1 600\$00. Será o bastante para se poder viver? As mulheres também precisam de viver, elas são as que estão piores e não melhoravam. Como precisam os de 2.ª e 3.ª categorias; não são só os de 1.ª.

Entretanto têm sido ajudados?

— Muito pouco. O Sindicato tem ajudado com alguma coisa conforme pode. Mas é pouquinho...

Não ocuparam a fábrica?

— Não, ficámos fora. Mas os patrões entravam e saíam quando queriam, e não achámos bem. Tentámos falar-lhes, pois se a fábrica estava parada não entravam eles nem nós. Batemos e ninguém nos atendeu. Tivemos que ir por uns campos das traseiras e apareceu-nos um dos patrões a ameaçar-nos de espingarda na mão. Ou saíamos ou disparava, pois falava-se lá fora. As coisas acabaram por resolver-se com as Forças Armadas, e agora se eles querem entrar vão acompanhados por alguém da Comissão dos Trabalhadores.

Perspectivas para o futuro?

— Não sei, não posso dizer bem. Já pedimos uma sindicância à Firma, pois sempre tem havido coisas obscuras. Disso não nos faltam provas. O Ministério do Trabalho está a tratar disso. Para já, as pessoas que aqui passam apolam a nossa posição. É o que nos dizem: «Vocês apertem com ele...».

Isto foi o que disse um dos 5 membros da Comissão dos Trabalhadores, na altura acompanhado de mais 6 operários.

...E OS PATRÕES

O patrão começa por negar ter tido qualquer conhecimento das reivindicações dos operários até à altura da 1.ª reunião comum em Aveiro, já a greve decorria. E mais diz:

— As reivindicações deles são exageradas, inaceitáveis. Além disso estamos à espera do novo Contrato de Trabalho, que é muito diferente do que eles pedem. A nossa proposta é: para as mulheres menores de 20 anos, 1 800\$00, 2 000\$00 e 2 200\$00, conforme os casos; para as maiores, a coisa fica aí pelos 3 600\$00; para os homens, conforme as categorias, 200\$00, 180\$00 e 160\$00 diários.

Porquê as categorias?

— Porque é assim e sempre assim foi. Sempre se lhes pagou conforme as categorias.

Mas eles dizem que nem sabiam a sua categoria.

— Isso é o que eles dizem...

E quanto aos subsídios de turno?

— Os subsídios de turno já eram pagos. Sempre foram pagos. Lá por não constarem especificamente no recibo, isso não quer dizer nada, porque não têm que constar. Podem já estar incluídos no salário. Digo isto depois de me ter informado com um advogado. Sim, porque muitas vezes podemos não estar informados, nem nós nem os operários. E nessa altura é preciso informar-se. Mas agora os operários até já sabem mais que os patrões, infelizmente. Há muito tempo.

Mas se esse subsídio já era pago, como concordou em pagá-lo?

— Bem, é natural que em relação a alguns atrasados houvesse uma pequena diferença. Podia não estar muito certo. Mas não era nada do que eles dizem. Como disse, por vezes podemos não estar informados. E foi essa diferença que se pagou.

Mas não se pagou aos que tinham direito a mais...

— Pois, porque esses não têm direito a nada! Além disso, eles não tinham nada que vir reivindicar subsídios, porque nos subsídios lá está o Tribunal do Trabalho para ver as coisas. O senhor se estiver prejudicado nos seus direitos não tem nada que fazer reivindicações. Dirige-se ao Tribunal do Trabalho e formula a sua queixa. Portanto, agora, se eles quiserem concordar, concordam; se não, que vão para o Tribunal.

A propósito da admissão de um camarada vindo da tropa...

— Se o operário acha que tem direito a ser admitido, queixa-se. E o Tribunal é que decide. Ora esse senhor não era nosso operário efectivo, mas eventual. Nós apenas lhe demos uns dias de trabalho por favor.

Os operários foram ameaçados de espingarda?

— Isso aí trata-se de defender a nossa casa. Se o senhor for assaltado não se defenda? Eles dizem que lhes apontaram uma espingarda mas não dizem que estavam em cima de um telhado munidos de varapaus, dispostos a entrar na fábrica e espancar-nos. Isso não dizem eles, pois não? Além disso assaltaram uma propriedade privada. O que se lhes disse foi que viessem cá para fora. Agora, claro, eles dizem outra coisa. Pois dizem. Até dizem que a fábrica é deles, e a gente não lhes pode tapar a boca...

Estão dispostos ao diálogo?

— Qual diálogo! O diálogo está feito e mais que feito. Agora não há mais nada a fazer.

Como é do conhecimento geral, o Hotel Praiagolfe, a mais moderna e bem equipada unidade hoteleira da nossa cidade, está em greve desde o passado Domingo, 30 de Março.

Para saber o porquê dessa greve, a «D.E.» ouviu, na passada segunda-feira, um representante da Comissão de Trabalhadores desse Hotel, o Sr. Domingos da Mata Ferreira, chefe de Bar do Hotel, que nos afirmou:

D.M.F. — Esta greve deve-se a atrasos de pagamentos que já se vinham a arrastar há sete ou oito meses. Nunca somos pagos na altura, mas sim sempre com 15 ou 20 dias de atraso. Por exemplo, recebemos o salário de Novembro no dia 24 de Dezembro. O salário de Fevereiro recebemo-lo no dia 5 de Março. Além disso, não recebemos o 13.º mês nem o subsídio de alimentação.

D.E. — Nunca tentaram falar directamente com a entidade patronal?

D.M.F. — Sim, tentámos, mas ele sempre se recusou ao diálogo. Só veio ter connosco quando ultimamente tivemos as reuniões da Comissão de Trabalhadores.

D.E. — Ouvimos num comunicado vosso na Rádio, algo relacionado com a não aceitação de hóspedes...

D.M.F. — Exactamente. Um casal francês que estava hospedado no Hotel, no passado Sábado, comprometeu-se a sair às nove horas da manhã de Domingo, dia em que iniciámos a greve. Mas o Sr. Soleiro, o gerente, pô-los na rua...

D.E. — Mas, quando os trabalhadores entraram em greve, o Gerente estava no Hotel?

D.M.F. — Sim, e a reacção dele foi fechar a porta do Hotel e ir-se embora. E ele quem tem a chave, nós estamos a fazer piquetes fora, na entrada do Hotel.

D.E. — Já contactaram algumas entidades oficiais?

D.M.F. — Já entramos em contacto com as Delegações do Ministério do Trabalho do Porto e de Aveiro, e com o nosso Sindicato também no Porto e em Aveiro. Somente frisamos que a nossa greve é legal, já que não fazemos reivindicações. Somente pedimos aquilo que é nosso!

Como se vai então resolver o problema?

— Isso não é connosco, é com os operários. Quem manda são os operários, não são os patrões. Os patrões têm a porta aberta para eles trabalharem quando quiserem.

Claro que eles agora dizem tudo e mais alguma coisa. É a caça à massa. Cheirando a dinheiro, é como um cão quando vai à apanha dos coelhos. Cheirando-lhe a coelho não sai da lura... E toda a gente faz o que quer. O senhor viu noutros tempos que se fazia uma greve, que se assaltava uma fábrica?...

...então não há lei da greve? Então porque é que se fazem greves? Eles passam por cima da lei como quem passa ali na rua.

Mas pelos vistos vocês também têm transgredido todo este tempo...

— Então se se passava por cima das leis não havia tribunais, inspecções de trabalho, para cumprir as leis? Havia! E sempre houve. Agora é que não há. Neste período de transição é que não há.

Não há leis?

— Não senhor! Cada um faz o que quer. Ocupam-se casas, bota-se gente fora, mata-se, esfolta-se, botam-se fora da cadeia ladrões, vigaristas e assassinos e tudo... onde é que está a lei? O ataque ao Banco da Figueira não foi um assalto? E não vieram cá para fora? Dá-se-lhe um título «acto político», pronto! E tudo

D.E. — Quais são, presentemente, as vossas perspectivas?

D.M.F. — Eu penso que devemos sair de greve o mais breve possível, talvez dentro de dois ou três dias...

D.E. — Lemos num jornal que vocês, Comissão de Trabalhadores, tinham afirmado que o Sr. Soleiro até estaria interessado que fossem para a greve...

D.M.F. — O Sr. Soleiro! Mas há dois administradores: ele, e o Sr. Ribeiro da Silva, que é de Lisboa. Já telefonámos para Lisboa a pedir a comparência desse senhor, mas até hoje ainda não apareceu...

D.E. — Acha que o Sr. Soleiro estaria de facto, interessado na greve?

D.M.F. — Ele deu a entender que sim. Mas quanto a isso, que corria por aí, que o Hotel iria encerrar, isso não passou de boato. A Comissão de Trabalhadores acha que o Sr. Soleiro não estaria interessado em encerrar o Hotel.

D.E. — Parece que a entidade patronal teria dito que o Hotel dava prejuízo. O que pensa a Comissão de Trabalhadores acerca disso?

D.M.F. — Não, o Hotel não dá prejuízo. Poderá não dar grandes lucros, mas prejuízo não dá. Porque nós temos a experiência do mês de Janeiro, quando começou a funcionar a Comissão de Trabalhadores: nós íamos ao Mercado às compras e chegámos ao fim do mês com dinheiro para pagar a toda a gente... No que respeita à questão do salário mínimo, toda a gente o recebe. Simplesmente, aos que recebem só 3 300\$00 era-lhes ainda descontada a alimentação. Ora, isso é ilegal! Como isso já está regulamentado, esse desconto terá de ser devolvido aos trabalhadores.

D.E. — Haverá mais alguma coisa que gostaria de acrescentar?

D.M.F. — Não. Unicamente pedimos o apoio de todos já que, como disse atrás, a nossa greve é justa!

Esperamos, e é natural, que hoje, Sábado, a greve já tenha terminado, e que as reclamações dos trabalhadores do Hotel Praiagolfe tenham sido atendidas e a elas tenha sido dada a solução por eles esperada.

posto cá fora em liberdade. Presentemente. Depois veremos...

Isto disseram o patrão e um seu filho. As declarações, aliás muito comuns em determinados meios, são elucidativas e por si só dispensam quaisquer comentários...

Alguns pontos confusos do conflito mereciam investigação mais apurada, mas que a nós não compete. De qualquer maneira há aqui alguns elementos claros. Quem quiser que pense e tire suas conclusões.

A DEFESA precisa de mais assinantes

Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc.

Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes

Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h.

Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)

Telefone de urgência 922329

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

FIM DE SEMANA • 97

Sucedem-se tão vertiginosamente os acontecimentos neste país que, quando se intenta escrever notas para uma crónica, já perderam a oportunidade e estão ultrapassadas no momento em que o bico da esferográfica toca a papel.

Fôra o 11 de Março.

Logo a comunicação do coronel Eurico Corvacho dando conta da detecção do E.L.P., como movimento contra-revolucionário em organização — e já em desenvolvimento operacional.

Os métodos da acção preconizados pelo ELP já se têm feito sentir no país, no que respeita à introdução de provocadores, na inimização dos partidos políticos, no sectionismo intrapartidário, nas rebeliões operárias desabusadas, na agitação estudantil, no boato (a arma fundamental), no descrédito lançado sobre as pessoas dos governantes, difamando-os, atribuindo-lhes vícios que não têm, caluniando-os, denegrindo o M.F.A., etc., — criando o sistema de desestabilização clássico para obter o clima próprio ao lançamento do golpe.

Toda esta acção responde a muitas interrogações que em crónicas anteriores temos posto.

Agora a nação está avisada, feito o apelo à vigilância, realizada a denúncia aos partidos políticos.

Mas nem assim me parece que o aviso tenha tido êxito total.

Se os boatos começam a cair em saco roto, algumas mentiras postas a correr sobre efeitos das nacionalizações, encontram ouvintes que as aceitam; é fácil demonstrar a falsidade, mas é preciso cada um perder tempo a demonstrar essa falsidade, e torna-se difícil acudir a todos e cada um a fazer essa demonstração.

ELP e reacção misturam-se de tal modo, que, dominados pelo espírito de vigilância, a cada passo duvidamos se o nosso interlocutor é um reaccionário, um provocador, ou, pelo contrário um homem que precisa de ser esclarecido ou um crítico honesto, embora mal informado.

É justamente este ambiente que o ELP pretende construir.

E o espírito vigilante tem de estar sempre alerta para saber a cada passo como agir em panorama assim confuso.

Há os assustados, os incrédulos, os cépticos, os que maisinam tudo, os que confiam com demasiado optimismo, os inconscientes, os comodistas, e de tudo nasce uma permanente perturbação de toda a vida laboral.

Ora é preciso que todos procurem ser lúcidos; busquemos esclarecer-nos para dar

a cada facto o real valor e definir correctamente cada pessoa.

E há poucas pessoas com preparação e informação suficientes para, ante cada facto e cada informação poderem, correlacionando dados que já possuam, discernir o que pode representar subversão ou manobra contra-revolucionária.

E é neste ambiente difícil que verificamos que o aviso não surtiu efeito para os mais responsáveis — os partidos políticos.

Esses, em vez de se unirem, continuam a atacar-se ferozmente, a detestar-se, a caluniar-se, por tal forma que o brigadeiro Vasco Gonçalves, em entrevista dada a um periódico alemão, afirma que Portugal hoje deve ser o país em que é mais difícil governar estabelecendo um equilíbrio possível entre os partidos.

Espectáculo deveras lamentável e desolador.

Por fim surge-nos um novo governo de coligação — facto aliás, que não é de decisiva relevância na vida política do país, cujo verdadeiro órgão de governação passou a ser Conselho Superior da Revolução.

Nesta nova composição governamental deu-se nítido e compreensível predomínio à actuação do executivo e, especialmente, no sector da Economia.

De momento, afiguram-se escolhas acertadas e trocas de postos na verdade bem entendidas.

O contexto da composição do governo é promissor.

Uma vez mais escrevemos o que muita vez temos escrito: haja moderação, tolerância, espírito de unidade, consciência de que trabalhamos todos para o mesmo fim — construir um país novo.

Que há muitos portugueses de cujo patriotismo podemos duvidar: quando há poucos dias um senador americano preconizou uma intervenção americana para «salvar» Portugal, ouvimos portugueses muito satisfeitos, porque «vinham aí os americanos meter isto na ordem».

Com portugueses destes se perdeu a independência em 1580 como se havia perdido no tempo do cardeal D. Henrique — em que a própria fidalguia se encarregou de entregar Portugal a Castela; e a génese destes patriotismos é a mesma em todas as épocas — os interesses e os prestígio pessoais acima do sagrado dever do amor à Pátria.

26-3-75

Vasco Luís

Os Bonecos do Falcão



O MILAGRE DAS RO\$A\$

A JUVENTUDE TOMA POSIÇÃO

Como temos noticiado, desenvolveu-se de 22 a 28 de Março uma «Semana da Juventude», série de realizações de interesse para os jovens do Concelho de Espinho, e que se enquadrava na celebração da data de 28 de Março, marco significativo para a juventude portuguesa antifascista. Pretendendo os organizadores da Semana (Secção Cultural da AAE, J. S., M. J. T., U. J. C., NEIP'S e AELNE) mobilizar a juventude espinhense em torno de objectivos e palavras de ordem de acordo com o actual momento político, não terá obtido a tentativa o êxito que seria de desejar, já que o comportamento da esmagadora maioria dos jovens deste concelho não parece ter sido muito alterado pelo 25 de Abril. Lamentável? Sem dúvida, mas de forma alguma inelutável. Que fique a certeza de que só com várias iniciativas se poderá consciencializar toda uma geração a quem até há bem pouco só permitiam o acesso a formas de convívio, cultura e desporto bem distantes daquilo que deveriam ser, o que aliás não se modificou ainda substancialmente, como é fácil de observar.

Fazendo um rápido balanço da «Semana», apontemos os seus momentos mais significativos. Assim, no dia 28, efectuou-se na Piscina um encontro de jovens que surgiu para se debaterem problemas de mobilização dos jovens do concelho. Da análise feita ressaltou claramente a entrega a passatempos idênticos aos habituais e a dificuldade de fazer compreender aos jovens que a eles se dedicam a urgência de descobrirem algo mais válido para ocuparem os seus tempos livres. Parece ser, efectivamente, tempo de deixarem os cafés um pouco mais vazios e procurarem formas de convívio mais produtivas, em actividades de mais valor para eles próprios e para a comunidade. Foi ainda apontada, como essencial para se desenvolver um trabalho válido de mobilização e consciencialização dos jovens, a necessidade de uma estrutura suficientemente organizada para levar a cabo um trabalho que, à partida, aparece como bastante difícil. Felizmente, parece que os organismos juvenis presentes no encontro têm consciência desta necessidade e talvez em breve surja algo de novo neste campo.

Falámos atrás de actividades de valor para a comunidade. Pois o dia 29, sábado, serviu precisamente para provar que a juventude sabe assumir, quando correctamente definida, as tarefas que dela se devem exigir neste momento. Assim, pela manhã, um grupo de cerca de 30 jovens dirigiu-se para a zona do Bairro Piscatório, para um primeiro contacto com as necessidades múltiplas daquela zona da cidade, e para encontrar vias para uma colaboração efectiva na solução de tais necessidades. Esta iniciativa, se bem que não imediatamente produtiva, poderá, se continuada com outros trabalhos, vir a servir como projecto piloto de inserção dos jovens nos problemas concretos da comunidade. Da parte de tarde, foi a vez de se tomar uma iniciativa de interesse para as crianças, com a realização de uma tarde de jogos e pintura no Parque. Estiveram presentes cerca de 150 crianças, na sua grande maioria vindas do Bairro, para o que muito contribuiu o total apoio dado pelo GACA 3, transportando os miúdos num dos camiões existentes. Aliás, tanto o GACA 3, através do Senhor Major Bastos, como a Comissão Administrativa da Câmara Municipal, não regatearam todo o apoio que lhes foi pedido e que podiam dar.

O domingo, último dia da Semana, amaneceu um tanto frio, o que, todavia, não chegou para tirar o entusiasmo aos cerca de 30 jovens (infelizmente, não houve participação de outras idades...) que se dispuseram a dar umas voltas a correr na avenida e esplanada, numa tentativa de mostrar uma forma de alegre convívio e de ostentar a sua vitalidade. Não foi propriamente uma competição de atletismo, mas foi, pelo menos, um bom bocado de manhã saudavelmente vivida.

Da parte de tarde, o convívio de encerramento serviu para o encontro final das muitas dezenas de jovens que compareceram no polivalente da Escola Comercial. Com muitas canções interpretadas por amigos de todos conhecidos, com um pouco de teatro pelo T.P.E. e com alguns poemas, se passou uma tarde comunicativa e jovem.

E foi tudo. Supomos que esta jornada foi uma das mais bem elaboradas que, a nível nacional, pretendiam celebrar o 28 de Março. Do seu êxito ou fracasso resta tirar os devidos ensinamentos para que em breve se voltem a publicar notícias de movimentações de jovens no nosso concelho. Eles saberão assumir a sua responsabilidade.

A. S.

RECORDANDO

De madrugada, já ao raiar da manhã e no final duma exaustiva noite de trabalho, ouvi na rádio a voz do José Afonso cantando, entre outras baladas, a «Grândola Vila Morena». Pois a voz forte e melodiosa do Zeca Afonso veio recordarme de tempos passados, uns de há muito, outros mais recentes.

Há alguns anos atrás, quando eram proibidas na rádio as baladas revolucionárias do Zeca, mas que todos aqueles que, como eu, alimentavam a esperança de se verem livres dum regime demolidor e opressor, as escutavam através dos discos ou gravações obtidos clandestinamente, recordo-me da raiva surda e mal contida que me oprimia, quando, no local de trabalho, algum chefe ou administrador, me ameaçava de despedimento, ou de qualquer outra sanção disciplinar arbitrária, por eu reivindicar melhor salário ou por me negar a fazer horas extraordinárias, após um dia de extenuante de oito horas de serviço. Recordo-me das dificuldades passadas em busca de emprego, em que empregadores e tantas habilitações pediam — escolares e profissionais — em troca do magro ordenado oferecido. E não podíamos regeitar. A crise de emprego era tal que acorriam cem portugueses a um só lugar!

Anos difíceis esses, em que a dignidade humana e profissional era calcada, e em que os burros endinheirados possuíam mais valor que um inteligente pobre. Anos difíceis em que as lutas da classe operária eram esmagadas sob a pata dos cavalos da G. N. R. e varridas à ponta das baionetas. Nos campos alentejanos o pão escasseava de forma assustadora, provocando a deslocação dos seus generosos trabalhadores para a grande Lisboa, cidade dos seus sonhos e da sua miséria. Nas fábricas, os operários preferiam debandar para o estrangeiro, na mira de obterem condições de vida mais consentâneas com as

necessidades das suas famílias. Noutros países os nossos melhores valores intelectuais e técnicos, não podiam dar o seu contributo à desejada evolução de Portugal, pois, caso não se encontrassem nas prisões da odiosa PIDE, viam-se impedidos de regressar à pátria, por discórdia das ideias dos governantes fascistas.

O povo estava cativo. A exploração do homem pelo homem, a degradação da economia, as guerras fratricidas de África, o isolamento mundial, faziam de nós um povo triste.

Mas aí estou eu, agora, a ouvir a «Grândola Vila Morena»! O Zeca Afonso! Será possível? Mas... então algo está a mudar! Assim foi e assim é.

Pela voz desse lutador foi dado o sinal do início da libertação de um povo acorrentado.

As manifestações de regozijo. O regresso dos exilados. A libertação dos presos políticos. A alegria. A esperança e o ardor da luta.

Também recordo o 28 de Setembro. A noite exasperante de espera e angústia passada nos piquetes. Mas também uma noite de determinação e de certeza que não pretendíamos — nem pretendemos — mais fascistas, mais exploração, mais ditaduras. E ao alvorecer, de novo ele, o Zeca Afonso, a dizer-nos que tínhamos, de novo, vencido. Oh! Com quanta alegria escutei, mais uma vez, a sua voz libertadora, dizendo-me que a minha luta, a nossa luta, não fora cerceada!

Conquista após conquista, os oprimidos de outrora foram pondo de parte os receios, as dúvidas, e lançaram-se afoitamente, ainda que com alguns tropeços, no verdadeiro caminho da liberdade.

O 11 de Março. Mais um escolho ultrapassado pela vigilância e unidade de todos os que efectivamente, e verdadeiramente, querem construir uma sociedade em

que os homens sejam iguais e em que o direito ao ensino, à cultura, à saúde, à liberdade, não seja um privilégio de alguns, mas sim um direito, e para todos.

Recordo, e tiro os ensinamentos de um ano LIVRE e renovador. Recordo, e apelo para que não afrouxemos a nossa luta e a nossa vigilância. Os capitalistas e privilegiados de antes do 25 de Abril estão à espreita dos nossos erros, da nossa inexperiência.

Apesar das divergências que existem nas forças progressistas portuguesas, estou confiante em que a unidade do povo e dessas forças progressistas, se cimentará cada vez mais, sem ódios, sem sectarismos e cegueiras partidárias, por forma a que possamos fazer um bloco forte e único para travar o passo à reacção.

Recordo e estou confiante na minha luta. Na nossa luta.

J. P.

Sociedade Espinhense de Café S. A. R. L.

Sede: Rua 62, 43 — ESPINHO
RELATÓRIO DA DIRECÇÃO

Senhores Accionistas:

Em cumprimento das disposições legais, temos a honra de submeter à vossa apreciação o Relatório, Balanço e Contas, respeitantes ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1974.

Ao apreciável aumento de vendas que a nossa Sociedade teve, não corresponderam os resultados que seriam devidos, em virtude do substancial aumento de despesas. Estamos no entanto esperançados, que o novo ano nos permita apresentar resultados mais positivos e de harmonia com o desenvolvimento da Sociedade, para o que é indispensável a revisão do preço de venda do café à chávena.

A Conta de Lucros e Perdas apresenta neste exercício um saldo positivo de Esc. 1 486\$60, que adicionado com o saldo do exercício do ano findo de 16 086\$40, prefaz 17.573\$00 e para o qual propomos a seguinte aplicação:

Fundo de Reserva Legal 5% s/ 1 486\$60	74\$40		
Complemento do Fundo de Reserva	714\$50	788\$90	
Dividendo (cativo de impostos) 7% s/ 234 000\$00		16 380\$00	
Conta Nova		404\$10	
		17 573\$00	

Aos Senhores Accionistas damos a conhecer, quanto nos é grato testemunhar e agradecer a leal colaboração que nos prestaram todos aqueles, que labutam na nossa Sociedade. Ao digno Conselho Fiscal, agradecemos o apoio prestado e a confiança depositada.

Espinho, 17 de Fevereiro de 1975.

A Direcção

Joaquim dos Santos Almeida
 Egídio Vitorino Gomes de Oliveira
 José de Oliveira Azevedo

BALANÇO ENCERRADO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1974

A C T I V O

Caixa	1 413\$50
Depósito à Ordem	28 066\$80
Depósito a Prazo	200 000\$10
Fazendas Gerais	23 529\$00
Tabacaria	11 030\$50
Agência Totobola	5 000\$00
Móveis e Utensílios	116 512\$40
Obras	9 737\$90
Acções em Carteira	35 000\$00
	430 290\$20

P A S S I V O

Contas a Pagar	37 683\$70	
Dividendos a Pagar	7 822\$40	45 506\$10
Situação Líquida Activa		
Capital	260 000\$00	
Fundo de Reserva Legal	13 211\$10	
Provisão para Amortizações	14 000\$00	
Res. Renov. Instalações	80 000\$00	
Lucros e Perdas		
Saldo de 1973	16 086\$40	
Do Exercício	1 486\$60	17 573\$00
		384 784\$10
		430 290\$20

DEMONSTRAÇÃO DA CONTA DE LUCROS E PERDAS

D É B I T O

Móveis e Utensílios (amortização)	21 063\$20
Despesas Gerais	95 986\$90
Organismos Corporativos	85 019\$70
Ordenados	284 845\$70
Água e Luz	30 657\$80
Totobola	1\$20
Aluguéis	52 778\$20
Seguros	2 402\$20
Contribuições	18 807\$00
Reparações de Móveis e Utensílios	8 897\$20
Obras (amortizações 1/3)	9 737\$80
Lucro Líquido	1 486\$60
	611 683\$50

C R É D I T O

Fazendas Gerais	464 339\$30
Depósitos a Prazo (Juros)	9 090\$90
Depósitos à Ordem (Juros)	114\$20
Tabacaria	13 604\$30
Comissões (do Totobola)	17 733\$30
Secção de Jogos	106 801\$50
	611 683\$50

ACÇÕES EM CARTEIRA

Aquisição	Número	Sociedade	Valor da Aquisição	Total
Anterior a 1973	17	Próprias	1 000\$00	17 000\$00
Em 1973	5	Próprias	2 000\$00	10 000\$00
Em 1974	4	Próprias	2 000\$00	8 000\$00
				35 000\$00

Espinho, 31 de Dezembro de 1974.

O Técnico de Contas,
 Carlos de Moraes

A Direcção

Joaquim dos Santos Almeida
 Egídio Vitorino Gomes de Oliveira
 José de Oliveira Azevedo

TRIBUNAL DA COMARCA DA FEIRA

ANÚNCIO

(2.ª Publicação)

Pela 2.ª Secção deste Tribunal, correm éditos de 20 DIAS a contar da data da 2.ª publicação do presente anúncio, citando os credores desconhecidos dos interessados MANUEL DE SA ALVES, e mulher ANA DE AMORIM SOARES, ele industrial e ela doméstica, residentes em Anta, Espinho, EUGENIA PEREIRA DE SOUSA, viúva, doméstica, residente no lugar de Goda, freguesia de Moselos, Vila da Feira, ANTONIO PEREIRA DO COUTO, empregado de escritório e mulher GLÓRIA MONTEIRO TOVAR DO COUTO, da rua 29 n.º 414, Espinho, MANUEL PEREIRA DO COUTO, comerciante, e mulher MARIA JÚLIA RODRIGUES COUTO, da rua Comandante João Belo 25, Lourenço Marques, MARIA AMÉLIA RODRIGUES DO COUTO, doméstica, e marido CARLOS ALBERTO MOREIRA DE SA, empregado na indústria hoteleira, da Ilha de Catemba, Lourenço Marques, ARMANDO PEREIRA DO COUTO, seralheiro, e mulher MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA COUTO, doméstica, residentes em Mil Road Olifan, Tafonéis — Transval, África do Sul, PALMIRA RODRIGUES PEREIRA COUTO, doméstica, e marido SILVINO AUGUSTO DA SILVA DUAS, alfaiate, da Guimbra, Anta, Espinho e BELMIRO PEREIRA DO COUTO, solteiro, maior, também de Anta, Espinho, para no prazo de DEZ DIAS, findos os éditos, virem aos autos de DIVISÃO DE COISA COMUM, em que é requerente MANUEL DE SA ALVES, e mulher, deduzir querendo, os seus direitos, nos termos do artigo 865, em relação ao «Jazigo de Capela» situado no Cemitério de Anta, objecto da divisão.

Vila da Feira, 13 de Março de 1975.

O Juiz de Direito

Manuel Pereira da Silva

O Escrivão da 2.ª Secção,

Isidro Queiroz

«Defesa de Espinho» - N.º 2244 - 5/4/1975

LEIA E ASSINE «A DEFESA»

PINTURARTE

Tecnicamente especializado em todo o género de Pintura Artística, Móveis de Adorno e todo o género de objectos de decoração.

Armando Alves Ribeiro

Desenhador — Pintor de Arte

Rua 18, n.º 943 — ESPINHO — Telefone, 921412

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

Por impossibilidade do Dr. Fernando Dias Guimarães não poder continuar a fazer parte do Conselho Fiscal, assumiu funções provisoriamente o Accionista Américo Francisco Castro.

A nossa Sociedade continuou durante o ano de 1974, a ser gerida nos moldes habituais. Embora as dificuldades que surgiram ao longo do mesmo, fossem de várias ordens, elas foram torneadas de maneira, que nos pareceu, a mais útil. Verificamos que a Contabilidade, bem como o Relatório da Direcção estão de acordo com o determinado por lei.

Nesta conformidade emitimos o seguinte parecer:

- 1.º — Que sejam aprovados o Relatório, Balanço e Contas.
- 2.º — Que ao saldo da conta de Lucros e Perdas seja dada aplicação proposta pela Direcção.
- 3.º — Que à Direcção e a todos os seus colaboradores seja dado um voto de Louvor, pela dedicação posta ao serviço da Sociedade.

Espinho, 28 de Fevereiro de 1975.

O Conselho Fiscal

Joaquim Ferreira Cadinha
 Carlos Alberto Baptista de Castro Correia
 Américo Francisco Castro

DR.ª EMILIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

José Luís F. Barbosa

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações

Consultas todas as 3.ªs-feiras a partir das 14 horas, na Policlínica do Dr. Miranda Valente — Rua 31 n.º 321 — Espinho — Telefone 920689, p. f. marcar consulta.

Dr. José Manuel Gomes de Almeida

Clínica Médica e Cirúrgica

Rua 19, 364-1.º — ESPINHO

Consultas marcadas pelo tel. 921218

Dr. Rogério Ribeiro

Médico Especialista de Medicina Física e Reabilitação

Consultórios: Rua 20 n.º 500-1.º

Telefone 921014 — ESPINHO

Rua Santa Catarina n.º 778-1.º

Telefone 33868 — PORTO

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11-877

ESPINHO

A RUA SETE

Foram em todos os aspectos penosos os anos que demarcaram a década dos anos 20. O país subsistia praticamente da actividade económica primária, isto era, de agricultura, da pecuária e da extracção de minérios, sendo a última explorada por empresas com capitais e técnicos estrangeiros. A actividade económica secundária, ou sejam as indústrias transformadoras, agonizava por falta de incentivos estatais, por falta de um conducente desenvolvimento tecnológico das actividades situadas na primeira, e ainda, por uma política administrativa voltada ao egocentrismo e mitificação do Estado. E Espinho, embora fosse um meio de larga projecção industrial, não podia furtar-se ao mal endémico que enfermava o País. A indústria da conserva que outrora constituiria a maior fonte de captação de divisas, a par dos famosos Vinhos do Porto, estava moribunda. Nada se fez para reerguê-la, as culpas pelo seu abandono lançaram-se ao Mar. As unidades fabris existentes, a fosforeira, a fundição, as fábricas de rolhas, de serração de madeiras e a fábrica de celulósido, eram suficientes para dar trabalho a todos. Os salários eram baixos porque a mão-de-obra sobejava e, principalmente, porque a produção estava condicionada ao sub-desenvolvimento económico do país e consequentemente ao nível baixo de poder de compra da população.

Daqui resultava que a classe terciária a qual absorve o maior volume de trabalhadores, os chamados prestadores de serviços, e que engloba as indústrias: hoteleira, de transportes (terra, mar e ar), de turismo, de espectáculos, e outras actividades, como a bancária, de seguros, etc., eram de diminuta relevância no contexto económico do País. Havia assim, falta de emprego,

gente a mais e falta de dinheiro. O Brasil deixara de ser o canal do excedente demográfico da classe trabalhadora, e as colónias de Africa de inesgotáveis riquezas virtuais pela centripeta política do governo eram inacessíveis aos trabalhadores que para elas quisessem emigrar. O Estado reservou-as em «prateleiras» hermeticamente fechadas para mais tarde entregar a fecundidade imensa e virgem dos seus solos aos monopólios estrangeiros.

Estas considerações têm por finalidade demonstrar porque naquele tempo as pessoas dificilmente deixavam o lugar onde nasceram e nele permaneciam apesar de levarem uma vida cheia de privações. Foi o tempo de uma geração mal alimentada, cujo sentimento das suas carências transparece nas promessas humildes dos versos duma canção em voga e que 20 anos mais tarde João Villaret popularizou: «Se eu pudesse dava-te tudo, belos casacos e finas meias».

A Rua 7 era muito povoada. Metade do quarteirão formado pelas ruas 16, 66, 5 e 7, pertencia à «D. Marocas», como era conhecida e tratada, viúva do sr. Bernardo, antigo Juiz de Paz. Esta propriedade que ainda hoje existe, possui no interior um quintal com acesso para as ruas 5, 7 e 66. Nele habitavam em pequenas casas muitas famílias. A traseira da casa onde eu morava confinava com esse quintal. Separava um pequeno muro junto ao qual uma figueira de grande porte vinha prodigamente deitar os seus ramos sobre o coradoiro da minha casa.

(Continua)

Alvaro Baptista

1.º Cartório Notarial da Vila da Feira

Notariado Português

Primeiro Cartório da Secretaria Notarial da Feira. A cargo do notário Licenciado Alfredo Bosch da Graça.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 20 de Março de 1975, exarada de fls. 101 v. a 104, do livro A-1010 de escrituras diversas do 1.º Cartório da Secretaria Notarial da Feira, a cargo do notário Lic.º Alfredo Bosch da Graça, foi constituída entre Henrique Moreira de Sousa, Rosa Ferreira de Assunção, Ana Fernanda de Assunção e Sousa da Fonseca, Adelina de Assunção e Sousa e Jaime de Assunção e Sousa, uma sociedade comercial por quotas sob a firma «Henrique Moreira de Sousa, Limitada» nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma «Henrique Moreira de Sousa, Lda.», tem a sua sede e estabelecimento no lugar de Esmondães, da freguesia de Anta, concelho de Espinho, e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje.

2.º

Constitui seu objecto o exercício da indústria de serração de madeiras, podendo, contudo, dedicar-se a qualquer outra actividade comercial ou industrial que os sócios deliberem.

3.º

O capital social, integralmente realocado em dinheiro, é de 150 000\$00, representado por 5 quotas, sendo uma de 80 000\$00 do sócio Henrique, uma de 40 000\$00 da sócia Rosa, e uma de 10 000\$00 de cada um dos sócios, Ana, Adelina e Jaime.

4.º

Fica permitida a cessão de quotas, no todo ou em parte, a estranhos, mas a sociedade primeiramente e em seguida os sócios não cedentes reservam-se o direito de preferência; para o efeito o sócio cedente deverá fazer à sociedade e aos outros sócios a respectiva comunicação por meio de carta registada, com aviso de recepção, indicando o nome do pretendente cessionário, o preço e demais condições da cessão; o prazo para o exercício da preferência é de 10 dias para a sociedade e de 15 dias para os sócios, a contar da recepção da referida carta, devendo a decisão da sociedade ser comunicada imediatamente aos sócios, sob pena de ser considerada a sua pretensão. Pretendendo mais de 1 usar o seu direito de preferência, abrir-se-á licitação entre eles, se a não quiserem em comum.

§ único — Porém, as cessões por título gratuito ou oneroso, em favor de descendentes de sócios, ficam livremente permitidas, e para qualquer dos casos autorizadas desde já as correspectivas divisões.

5.º

A gerência, dispensada de caução, e remunerada ou não, conforme em assembleia geral for deliberado, fica afectada a todos os sócios, sendo obrigatória para os sócios Henrique e Rosa e facultativa para os demais; para obrigar a sociedade é bastante só a assinatura do sócio Henrique, ou, em conjunto, a assinatura da gerente Rosa e a de outro qualquer.

§ único — Porém, nos actos de mero expediente é bastante a assinatura de qualquer dos gerentes.

6.º

A sociedade poderá dissolver-se pela simples vontade do sócio Henrique; quando este deixar de ser gerente, poderá

a sociedade dissolver-se pela simples vontade de 2 dos gerentes em exercício.

7.º

Se por cessão que o sócio Henrique vier a fazer, a filha Rosa Maria de Assunção e Sousa, ainda menor, vier a ser sócia da presente sociedade, passará a cessionária a exercer nela também poderes de gerência, logo que atingir a maioridade, com as mesmas prerrogativas dos sócios Ana, Jaime e Adelina, a quem agora a mesma gerência é cometida.

8.º

Os gerentes não poderão fazer uso da firma nos actos que a sociedade não disserem respeito, como fianças, abonações, letras de favor e outras responsabilidades similares, sob pena de o infractor por eles se tornar pessoalmente responsável e de perder em favor dos seus consócios o que de lucros lhe pertença no ano em que a infracção for cometida.

9.º

Nenhum dos sócios, em seu nome pessoal, associado com outrem ou por interposta pessoa, poderá exercer qualquer actividade comercial ou industrial concorrente com a sociedade.

10.º

A sociedade poderá amortizar qualquer quota nos casos de insolvência ou falência do sócio titular, arrolamento ou penhora da quota ou de venda ou adjudicação judicial, ou ainda mesmo no caso de infracção verificada nos termos dos artigos 8.º e 9.º; a amortização será feita pelo valor da quota apurado no último balanço aprovado, e será pago dentro de 1 ano, em 2 prestações iguais, considerando-se feita com o depósito efectuado da 1.ª prestação, à ordem de quem deva sê-lo, na Caixa Geral de Depósitos.

11.º

Excepcionalmente, o sócio Jaime, na sua qualidade de gerente, poderá por si só intervir em qualquer contrato de arrendamento ou de concessão de exploração industrial em que a sociedade seja sujeito passivo, nos termos e condições que bem melhor entender.

12.º

A sociedade não se dissolverá pela morte de qualquer sócio, continuando com os sobreviventes e com o meeiro ou meeira e os herdeiros do falecido, devendo todos estes escolher um de entre si que a todos represente na sociedade, enquanto a quota se mantiver indivisa; o escolhido passará a exercer na sociedade os poderes de gerência; se não lhes convier permanecer na sociedade, receberão dela o que se averiguar pertencer-lhes por meio de um balanço para o efeito dado, na forma prescrita na última parte do artigo 10.º

13.º

As assembleias gerais serão convocadas por meio de carta registada dirigida aos sócios com a antecedência mínima de 8 dias, sempre que a lei não prescrever forma especial de convocação.

14.º

Aos sócios poderão ser exigidas prestações suplementares de capital, mas só precedente deliberação unânime de todos os que constituírem o elenco social.

Está conforme o original.

Primeiro Cartório da Secretaria Notarial da Feira, 24 de Março de 1975.

O Ajudante da Secretaria,

José Soares de Amorim

«Defesa de Espinho» - N.º 2244 - 5/4/1975

LIVROS A LER

MONOPÓLIOS E MISÉRIA

Acaba de sair «Monopólios e Miséria», o número 3 da colecção «Cadernos Políticos de Educação Popular», de Marta Harnecker e Gabriela Uribe, que Iniciativas Editoriais editam entre nós, após cuidada adaptação do texto à realidade portuguesa.

Obra que foi enorme «best-seller» em toda a América Latina, vem sendo agora lançada em Portugal com toda a oportunidade. Como os anteriores, também este terceiro caderno, «Monopólios e Miséria», um livro de exemplar pedagogia política, figura já em todas as listas dos livros mais vendidos entre nós.

A REVOLUÇÃO PERUANA

Acaba de sair mais um lançamento de Iniciativas Editoriais, na prestigiada colecção «Século XX-XXI». Trata-se de «A Revolução Peruana», colectânea dos mais significativos discursos políticos do presidente peruano, General Juan Velasco Alvarado. Um documento indispensável para a compreensão do que é talvez o mais contorverso processo revolucionário do Terceiro Mundo. Um lançamento oportuno entre nós, quando tanto se fala ou especula em torno da «via peruana».

A POLITICA ECONÓMICA DO GOVERNO PROVISÓRIO

Acaba de sair o número 11 dos cadernos «Pontos de Vista», de Iniciativas Editoriais. Trata-se de a «Política Económica do Governo Português», contendo a análise crítica e as propostas de Mala Cadete, Eugénio Rosa e Francisco Camões.

Um confronto de pontos de vista do maior interesse em torno de um problema de candente actualidade.

REFLEXÕES SOBRE

A FORMAÇÃO DOS HOMENS

Acaba de ser publicado mais um título na prestigiada colecção de Iniciativas Editoriais, «Século XX-XXI»: «Reflexões sobre a formação dos Homens», de José Fernandes Fafe. (Preço 50\$00 — 100 páginas).

Trata-se de um livro oportuno. Neste momento em que tanto se fala da criação de um «homem novo», este trabalho procura responder à interrogação: «Como se faz um homem?»; põe à luz os mecanismos indispensáveis à criação desse homem novo.

Alguns dos capítulos desta obra constituem uma análise crítica da célebre e discutida experiência de Summerhill.

O SOCIALISMO

E O HOMEM EM CUBA

Acaba de sair o número 12 da colecção «Pontos de Vista» de Iniciativas Editoriais. Trata-se de «O Socialismo e o Homem em Cuba», de Che Guevara, um clássico da literatura revolucionária cuja falta se fazia sentir, de há muito, em Portugal.

Colabore para uma cidade limpa



RESIDÊNCIA

1.ª CLASSE

* * * *

GIRASSOL

RUA SA DA BANDEIRA, 133
TEL. 21891/2/3 — PORTO, PORTUGAL

Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE

TELEFONE 27393

MARISCOS — PRATOS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS
FEIJOADA A BRASILEIRA

Fábrica
de
Artigos
de
Celuloide e
Plásticos

LUSO-CELULOIDE

de

HENRIQUES & IRMÃO, L.^{DA}

APARTADO 22
TELEFONE 922193

E S P I N H O

CASA LUCIANA *Boutique*

Rua 19 n.º 318 — ESPINHO
Representante em ESPINHO dos Brinquedos «SÓBRINCA»
e dos artigos de viagem «TAURO»

Carteiras de Senhora, Sacos de Praia e Viagem,
Calçado, Artigos de Fantasia — NOVIDADES!

GENTIL GOMES DA COSTA

PROPRIEDADES
COMPRA • VENDA

Rua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 · 311991 · 381032
PORTO



TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469
Telef. 920325-977

Importador Electrodomésticos EDESA
BOSCH — KREFFT — ARISTON
RÁDIO E T.V.: BLAUPUNKT — LOEWE-OPTA
INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS CANALIZAÇÕES
CARTUCHOS COM MÚSICA 80\$00
CASSETES COM MÚSICA 60\$00
TÉCNICOS ELECTRÓNICA E ELECTRODOMÉSTICOS
MÓVEIS • ALCATIFAS
PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTENCIA

EUROSPUMA

Sociedade Industrial de Espumas Sintéticas, Limitada

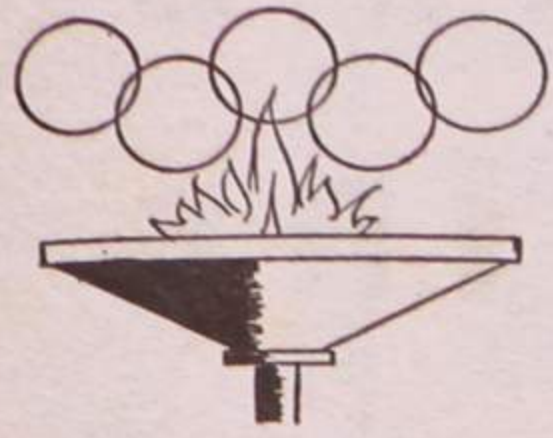
ESPUMAS DE POLIURETANO PARA TODAS AS APLICAÇÕES

COLCHÕES — ALMOFADAS

ESPUMAS PARA ESTOFOS — ESPONJAS

DELEGAÇÃO EM LISBOA
Avenida Estado da Índia, 4-1.º Piso
SACAVÉM
Telefs.: 2511272 e 2511413

SEDE EM ESPINHO
Telefones PPCA 921839 (8 linhas)
Telegrs.: EUROSPUMA
Telex. 2257 FOAM — P.
Apartado 95



desporto



VOLEIBOL

Campeonato Regional Juvenis

(Fase Final)

Leixões, 0—A. A. E., 3
(7-15), (5-15) e (13-15)

AAE — Serrano, Paulino, Paupério, Manecas, Baptista, Chico, Fidalgo e Barra.

HÓQUEI EM PATINS

Campeonato Nacional da I Divisão

A. A. E., 0—Valongo, 4

AAE — Vitor, Vladimiro, Manuel José, Rui Lacerda, Alcino, Jorge, Martins e Cruz.

Campeonato Regional de Juvenis

A. A. E., 1—Valongo, 4

AAE — Esmael, Padrão, Quim, Pinto (1), Alves, Rocha e Sousa.

Campeonato Regional de Infantis

A. A. E., 10—J. Pacense, 1

AAE — Vitor, Silva (3), Sousa (3), Vitor Hugo (3), Gabriel, Salvador (1) e Jorge.

A. A. E. (B), 1—Infante de Sagres, 3

AAE — Morgado, Sá, Arsénio, Brandão (1), Lima, Rui e Marques.

HÓQUEI EM CAMPO

Troféu «ENDO» Reservas

A. A. E., 1—Perosinho, 2

AAE — Sancebas, Justino, Luiz Filipe, Alexandre, Albertino, Amaro, Morais, Cruz, Barradas, Rocha e Pinho.

(Suplentes: Azevedo e Capela)

Campeonato Regional de Juniores

A. A. E., 0—Ramaldense, 3

AAE — Alfredo, Carvalho, Alexandre, Fernando, Couto, Óscar, Mourão, Catela, Menezes, Oliveira e Freire.

Inacção intrigante

Há tempos, e um tanto à «pressão», pois Espinho esquecera-se do ENDO ou o ENDO esquecera-se de Espinho, nomeou-se a respectiva Comissão Concelhia, em sessão feita na Câmara Municipal e chegou-se, inclusivamente, a alvitrar que a mesma trabalhasse apoiada num «conselho dos 20», a compor entre indivíduos que, localmente, estivessem dentro do fenómeno e contexto desportivos. Isto foi há tempos e, entretanto, até aconteceu já o ENDO.

Curiosamente, apesar do grande período que decorreu desde a sessão na Câmara Municipal, facto é que, sinceramente, nunca mais ouvimos falar da Comissão nomeada, mas, bem pior do que isso, até à data, não demos conta de qualquer actividade a nível do concelho espinhense, capaz de nos dizer que já se está a trabalhar.

Quanto mais não fosse, parece-nos que deviam haver sessões esclarecedoras para que, quantos se interessam pelo fenómeno desportivo, ficassem a par daquilo que, certamente, na sombra, se estará a realizar, no intuito de pôr Espinho dentro das coordenadas pretendidas pelo ENDO e para um novo desporto nacional.

De resto, também parece ser de grande utilidade sensibilizar as populações, a todos os níveis, para a ideia da massificação desportiva e, por conse-

guinte, isso exige realizações de mais diversa índole que, até agora, confessamos, não temos dado conta de se haverem realizado.

Esta inacção intrigante, faz-nos temer pelo desenvolvimento desejado do desporto no intuito de atingir, a curto (ou menos longo?) prazo, a amplitude preconizada até pelo ENDO e, demais, Espinho, um concelho que, no plano desportivo e potencialmente, é dos mais capazes para uma dinamização a caminho da massificação, justifica outro tipo de acção.

O que se passa realmente?

Passe-se o que se passar, são horas de se agir, pois, na verdade, já basta os anos do antanho quando as coisas na teoria eram uma maravilha, porém quanto à prática temos conversado.

Os «slogans» bonitos e os programas marcados, se são realistas, têm de passar, com a brevidade requerida, à prática, mesmo sabendo-se das dificuldades que se irão encontrar.

Inacção total isso não, porquanto quanto mais atraso pior e, caramba, um centro desportivo como Espinho «exige» uma movimentação a aproveitar todas as suas verdadeiras e inúmeras potencialidades, pois, inclusive, pode servir de exemplo face ao muito, muitíssimo, que há a fazer.

C. S.



ANDEBOL

NACIONAL DA II DIVISÃO

(Seniores)

Espinho, 24—Francisco de Holanda, 16

SCE — Pinto, Canelas, Alfredo, Fernando, Tomás, João Fernando, Mário Júlio, Figueiredo, Filipe e Dias.

FUTEBOL

DISTRITAL DE RESERVAS

Espinho, 9—Avanca, 0

SCE — Rocha, Faustino, Gonçalves, Gomes, Chico, Quaresma, Canelas, Sá, Eduardo, José Alberto (Cacheira), Peres (Rodrigues).

Próximos Jogos

ANDEBOL

NACIONAL DA II DIVISÃO

5-4-75

Maia—Espinho

VOLEIBOL

NACIONAL DA I DIVISÃO

4-4-75

Espinho—Esmoriz

6-4-75

Espinho—Avintes

REGIONAL DE JUVENIS

6-4-75

Nuno Álvares—Espinho

NACIONAL FEMININO

6-4-75

Espinho—Nuno Álvares

FUTEBOL

REGIONAL DE INICIADOS

6-4-75

Estarreja—Espinho

F U T E B O L

NACIONAL DA 1.ª DIVISÃO

SP. ESPINHO, 1 - BELENENSES, 1

Descido mais um degrau

gizada, remate de J. Carlos, defende Melo, recarga J. Carlos, safe Pietra e Telé aproveita a baliza aberta; QUINITO (61 m.) — lançado pela direita (não nos pareceu fora de jogo) disparou enfiado, bateu Aníbal e a bola tabelou em Washington antes de entrar.

Descida à vista, Páscoa, vento, campione e clubismo, em vez de desportivismo e gosto pela bola, pelo espectáculo. Daí «casa» fraca.

Dois contendores já sem problemas classificativos. Tranquilos, sem necessidade do pontinho. Hipóteses de bom jogo. Todavia, acabou por gorar-se.

A «nortada» de rachar dificultou, e o pó estorvou. «Tigres» e «azuis», não encontraram antídoto para o «adversário» comum. E este dominou.

Insolitamente, ambos jogaram melhor com a ventania contra. Atenção: melhor não é sinónimo de bem. Na 2.ª parte, os do Restelo tiveram que aguentar o sopro mais forte ainda.

Ralou a esperança, ante um lamiré inicial dos da casa. Acreditou-se no tal

bom jogo de bola. Pensou-se que «tigres» queriam regressar à divisão secundária em beleza. Sol de pouca dura. A espaços uns nacos agradáveis, um certo domínio. Sem continuidade, nem sequência.

O tento apareceu dentro do 1.º quarto de hora. E animou a «malta». Aumentou-se a pressão, porém a mira de remate estava torta. Os de Belém defendiam-se e contra-atacavam. Curiosamente, os remates mais perigosos foram deles, com Gonzalez certo, de «dinamite» nas botas a fazer Aníbal brilhar até.

Decaiu imenso a partida no declinar deste 1.º período. Baixou o interesse, motivado mais pela vivacidade, dinâmica e situações junto das balizas. Sobreveio a monotonia e a confusão.

Na etapa complementar, aconteceu o inverso. Foi o Belenenses o dominador. O Espinho afundava-se e não oferecia réplica idêntica à dos «azuis» na 1.ª metade. Eram insuficientes para virar o jogo. Então, quando veio o empate (que se vislumbrava à distância), foi o «fim». Impotência declarada, falta de força física, de clareza, de objectividade. Do «banco»

não veio gente para refrescar. Nem para alterar o «xadrez».

Os «azuis» faziam jus à igualdade. Continuaram a mandar, por breves trechos. Depois... repetiu-se a monotonia do período final da etapa inicial. Tornou-se um prélio «chato». E o futebol foi maltratado.

Todo o mundo estava conformado com o empate. Acertado perante quanto se passou no campo. Ambos sem arcaiboço para o alterarem. Um encontro que agradou apenas aqui e além. Valendo por uma certa emotividade, mas escasseando o futebol bem jogado e ambas as equipas tinham outras obrigações.

Destacaram-se (com intermitências) Aníbal, Washington, Valdemar, Júlio, Telé e Malagueta (espinhenses) e Quaresma, Freitas, Quinito, Isidro, Godinho e Gonzalez (belenenses).

António Garrido, talvez o melhor apito português, esteve à altura dos seus créditos e bem auxiliado.

C. S.

Campo da Avenida, ventania fortíssima e fria, nuvens de pó, assistência reduzida, receita fraca, com António Garrido (Leiria) a dirigir, completando o terceto Vitor Serra (bancada) e Angelino Santos (peão), e as equipas compostas por:

ESPINHO — Aníbal; Bernardo da Velha, Washington, Valdemar e Ribeirinho; J. Carlos, F. da Costa e Júlio (cap.); Augusto, Telé e Malagueta.

Suplentes (por utilizar): Jorge, Meireles, Símplicio, Helder e Gaúcho.

BELENENSES — Melo; Pietra, Quaresma (cap.), Freitas e Cardoso; Isidro, Pincho (Eliseu, 67 m.) e Godinho; Quinito, Alfredo e Gonzalez.

Intervalo: 1—0.

Cartões Amarelos (mão claramente intencional). Júlio e Freitas.

Golos: TELÉ (10 m.) — Jogada bem

JURAMENTO DUM ELP'ista

O ELP'ista deverá estar numa rígida posição de sentido, com o braço direito estendido para a frente, à boa maneira dos nossos amados «fuehren» Antonien von Salazzar e Marzellen Kaytanen. Procurando não mostrar muito os seus dentes podres, e não fazer ninguém desmaiar com o seu hálito de cano de esgoto, deverá dizer em voz tão alta quanto o permitirem os efeitos da ressaca (convém esclarecer que o ELP'ista terá de ser, pelo menos, alcoólico, crónico, se possível) as seguintes palavras:

«Juro ser assassino profissional, sem o mínimo de escrúpulos e sem remorsos por todas as carnificinas que vier a fazer.

Juro ser destemido defensor da falta de liberdade. A única liberdade existente será para mim e à minha maneira.

Juro apoiar os patrões e os exploradores e todos aqueles que, duma maneira ou doutra sejam os detentores do capital.

Juro, em contrapartida, esmagar, até às últimas consequências, todos os explorados, os pobres e os amantes da chamada «liberdade», cancos duma sociedade injusta (para eles) que é o meu fim.

Juro destruir todas as escolas, liceus e universidades, não deixando pedra sobre pedra, destruindo todos os livros actualmente existentes, salvo raras excepções («Depoimento», «Mein Kampf» e quejandos, pedras basilares da cultura do embrutecimento de que serei intransigente defensor, por ser o melhor meio de atingir os meus fins).

Juro ter amor acrisolado ao Estado que eu próprio instituirei, desprezando a Nação e os sentimentos patrióticos. Para

mim, só o Estado, o meu Estado contará.

Juro envidar todos os esforços para cortar de imediato com 99 por cento dos países do Mundo, fazendo simultaneamente o meu melhor para estabelecer um forte e bem alicerçado intercâmbio a todos os níveis com os poucos países realmente interessados na defesa dos valores da Civilização Ocidental, caso do Chile, Haiti e E.U.A. por meio das suas entidades mais representativas, respectivamente Augustus von Pinochet, Jean-Claude Duvalier (extremoso filhinho do saudoso Papa Doc) e Vernon Walters e seus amáveis e prestimosos colegas. Orgulhosamente só, será o meu lema!

Juro que, por todos os meios possíveis lançarei uma vaga de mortes, terror e sangue onde saciarei os meus povos instintos vampírescos. Não mais haverá um minuto de sossego no País. Ele o recebe.

Juro organizar «excursões» turístico-mercenárias a Guiné, Angola e Moçambique, de modo a pôr as coisas como estavam antes do terrível 25 de Abril, para mim, uma autêntica traição. Os pretos não têm direito à vida, quanto mais à liberdade!

Juro abolir todos os direitos do homem. O único Homem com direitos serei eu. Os outros, todos os outros que eu não assassinar (à excepção dos acima apontados) serão pura e simplesmente coisas que moverão ou pararão ao menor sinal meu.

HEIL EU!!! ABAIXO A LIBERDADE!!! VIVA A OPRESSÃO!!!

EU

FALANDO DE TEATRO

1 — O TEATRO E A TELEVISÃO

A Televisão é um poderoso meio de consciencialização.

Através dela as pessoas poderão ter acesso a uma informação completa sobre o mundo. Poderão tomar contacto com diversas formas culturais. Activas e participantes. Por exemplo, o Teatro.

Mas o Teatro só atinge a sua verdadeira plenitude quando público e actores se contagiam, se influenciam. Num momento preciso, determinado. Numa sala de espectáculos, com pessoas. Actores e espectadores. Poderíamos, então, concluir que o Teatro que possa ser transmitido pela Televisão não tem interesse, já que o contacto, acima referido, não se verifica. Estaríamos a errar, se assim pensássemos. Muitos de nós, durante o obscurantismo cultural imposto pela ditadura fascista, não tivemos oportunidade de saber o que era a verdadeira cultura, o verdadeiro teatro. Na província apareciam, duas ou três vezes por ano, as comédias imbecis de Vasco Morgado. A pornografia barata. O riso fácil. As curvas sinuantes de actrices seminuas. As fíffias das vedetas. Os cenários luxuosos. Eram «Três num guarda-vestidos» a lançarem idiotices pela boca fora. Era um «Padre à Italiana», ridículo, idiota, autêntico insulto à inteligência do homem.

E este tipo de teatro continua. «A Pai Adão» ou «Isso não se faz à tia» são exemplos típicos dum produto rentável de que apenas beneficiam os Vascos Morgados & Companhia.

É por isso que a Televisão tem um papel importante a desempenhar no aspecto da cultura teatral. Levando aos milhares de pessoas que a ela têm acesso o verdadeiro Teatro, popular, lúcido, consciente. O Teatro que tenta sair do círculo fechado em que foi lançado precisa urgentemente de ser conhecido por todos. Assim as pessoas adaptam-se a um novo tipo de Teatro. Preparar-se-ão para assistir no momento, na altura exacta e determinada, a um espectáculo teatral. É urgente que a Televisão continue a repensar a sua programação de programas teatrais. É urgente que o público veja mais peças como «A Estátua» ou «Português, Escritor, 45 anos de idade». Peças que dizem res-

peito à maioria dos portugueses, ao seu dia a dia, às suas aspirações comuns, aos seus problemas.

2 — SEIVA TRUPE E A LUTA DO POVO

E a propósito de Teatro Popular, o público de Espinho teve a oportunidade de assistir a um espectáculo verdadeiramente importante, conforme noticiamos no passado número. Foi «Seiva Trupe, Teatro Vivo», um grupo profissional oriundo da cidade do Porto. Foi a peça «Seiva conta Catarina, na Luta do Povo». A história de Catarina Eufémia, camponesa de Baleizão, assassinada pela polícia fascista. A história da luta do povo português, da classe trabalhadora, contra a ditadura dos monopólios e dos latifúndios. Em Teatro, a história da resistência antifascista.

«Catarina na Luta do Povo» é uma peça feita através de métodos extremamente simples, com cenários rudimentares, a darem a sugestão dum ambiente natural, de montes, de paisagem árdua, pesada. Através de chapas de zinco, com manchas esfumadas mas marcantes. Um cenário que serve de fundo a um drama, a uma luta. A luta do Povo, dos camponeses, trabalhando os campos. As searas que pertencem a meia dúzia de senhores. Aos latifundiários. Catarina e as suas camaradas de trabalho levantam-se contra a exploração. Baleizão está em luta. O Alentejo revolta-se. A polícia fascista actua. De forma violenta como é seu apanágio. O assassinato de Catarina, às mãos do Tenente Carajola. Uma tentativa de calar a voz da justiça. Uma voz que não se calou. Catarina continua presente na mente do povo português. Dos antifascistas.

«Seiva Trupe», através da encenação de Júlio Cardoso, dá-nos uma peça de Teatro Popular, activo. Alerta-nos para o perigo do retorno ao fascismo. Para a força do povo português quando se levanta contra o fascismo. Durante e depois. Em 28 de Setembro, em 11 de Março.

Uma mensagem de alerta. Um momento de Teatro verdadeiramente importante, útil. Para quem viu. Bastantes. Poderiam ser mais. É aqui que entra o importante papel da Televisão.

M. G.

GAZETILHA

Coisas da Primavera

*Enerva-me o alarido das facções.
Berram tanto, em paredes e na imprensa,
Que me levam a estas conclusões:
Quanto menos se lê, melhor se pensa.
Não porque eu seja contra a propaganda,
Imprescindível, politicamente;
Mas não me agrada alguma que aí anda,
Sem dignidade, estúpida, indecente.
Pede-me, pois, a sensibilidade
Refúgio na Poesia e na Beleza;
Um surto de pureza e de Verdade
Neste banho lustral da Natureza:*

*Apraz-me contemplar, da Primavera,
Todas as expressões, todas as cores,
Todo o esplendor que neste Abril se espera
No triunfal desabrochar das flores;
Verdes dos campos, águas cristalinas,
Cravos rubros, oiro do tojo e giestas;
Do rouxinol endeixas peregrinas
E a música de fundo das florestas...
Liberto o coração das suas penas,
Na repousante solidão dos montes,
Silencia-se o Mundo. Eu oiço apenas
O murmurar nostálgico das fontes...*

*...E no entanto, tal paz virgiliana,
Mesmo actuante como emoliente,
Não cala o grito duma voz humana,
Vinda do fundo do subconsciente
Cantando a «Terra da Fraternidade»...
Versos que o Abril de há um ano consagrou
E que no dia vinte e cinco há-de
Ser a canção do Povo — que votou!*

Alberto Barbosa (BEKA)

OS SALTOS HÁ 34 ANOS

A D.E. de 17 de Agosto de 1941 publicava numa Secção intitulada «A crónica do Café Chinês» a seguinte crónica, assinada por João da Ega:

«Vosselências já repararam (eu falo para aquelas senhoras e senhorinhas para quem o sentimento da beleza e da harmonia não é ainda uma expressão vasia) na epidémica, na pavorosa mania feminina do regresso à *chanca*, ao *tamanco*, à *botifarra* sa-loia dos almocreves? Pois se ainda não repararam, reparem que não perdem o seu tempo. Muitas meninas, bem dignas de melhor sorte, por vassalagem à moda enfiaram os pés numas avantesmas enormes a que chamam calçado, e-las a pavonearem-se no *vae-vem* da nossa Avenida muito convencidas de que estão a fazer uma linda figura!

Deliciosas patetinhas!... (...) (...) Mas há mais e melhor. É que desta falta de senso estético,

chamemos-lhe assim, resultam toneladas de ridículo para as doces filhas de Eva, e a nossa sensibilidade de observadores é fortemente chocada com a exposição permanente de calos, unhas encravadas, de joanetes do tamanho de arquipélagos, de gâmbias flácidas como pescadas em decomposição! (...)

(...) Deitem ao lixo essas avantesmas, quer sejam as de cortiça nua e crua, quer aquelas que se apresentam camufladas, com *rez-do-chão*, *primeiro andar* e *águas-furtadas*, (...)

(...) Assim, com tamanha abundância de cortiça amarrada às patinhas, quando passarem pelos rapazes irreverentes e trocistas não terão de estranhar se ouvirem este comentário, pouco lisonjeiro para a sensibilidade duma mulher que se preza:

— Que boas *rolhas* ali vão!

Ah! «deliciosas patetinhas!»
Como a história se repete...

Camara Municipal de Espinho
Rua -12
ESPINHO

SEMANÁRIO
AVENÇADO